

# A educação sob a perspectiva do Budismo Nichiren: aspectos da proposta pedagógica de Tsunesaburô Makiguchi

**Rosa Maria Ferreira da Silva**

Mestre em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG.

**Resumo** A *Soka Gakkai* (Sociedade de Criação de Valores) é uma organização budista de caráter leigo que nasceu no Japão em 1930 pela iniciativa do pedagogo Tsunesaburô Makiguchi. Chamada inicialmente de *Sôka Kyôiku Gakkai* (Sociedade Educacional de Criação de valores), esta organização foi, em princípio, um grupo de estudos ligado à Seita ortodoxa *Nichiren Shôshû* e composto por professores primários convertidos ao Budismo de Nichiren Daishonin. Nascida no contexto de expansão do militarismo japonês, dentro do qual a educação visava a formação de súditos fiéis e não de “cidadãos”, a *Sôka Kyôiku Gakkai* propunha transformar a criação de valores no principal objetivo da educação. Assim, a proposta deste artigo é apresentar alguns dos princípios educacionais defendidos pelo fundador da Gakkai, Tsunesaburô Makiguchi, que, por sua vez, informam a “Educação Soka” (sistema de ensino que abarca da educação infantil à universidade), bem como os projetos educacionais promovidos pela Soka Gakkai, inclusive no Brasil.

## 1. Considerações iniciais

As questões que serão discutidas neste artigo contemplam alguns resultados da pesquisa de doutorado que estamos desenvolvendo na área de “História da Cultura”, tendo como objetivo principal compreender o processo de construção e reelaboração do Budismo de orientação Nichiren, veiculado no Brasil pela “Soka Gakkai” no período que vai de 1960 a 2007<sup>1</sup>.

Comprendemos que a temática surpreende. Tanto o inusitado dos termos utilizados no título deste artigo quanto o caráter inicial dos estudos acadêmicos a respeito da Soka Gakkai no Brasil<sup>2</sup>, impõem alguns esclarecimentos de maneira a situar convenientemente o leitor dentro da discussão que nos propomos a apresentar.

---

<sup>1</sup> Com exceção do termo “Soka Gakkai”, preferimos, neste artigo, não aportuguesar os termos japoneses, incluindo nomes próprios, optando pelo sistema Hepburn de romanização de palavras japonesas. No entanto, em se tratando das obras traduzidas no Brasil, permanece a grafia aportuguesada, especialmente em se tratando do nome “Makiguchi” que aparece grafado “Makiguti”.

<sup>2</sup> Se no exterior a Gakkai tem inspirado uma produção científica considerável [dentre outros: Alvarez (1964), Cowan (1992), Hourmant (1990), Astley (1992), Chandra (1996), Dobbelaere (1998), Ionescu (2000), Machacek (2000)], no Brasil, até o momento, apenas dois pesquisadores concluíram trabalhos que enfocaram de maneira *direta* a Soka Gakkai brasileira: os antropólogos Maranhão (1999) e Pereira (2001). Com relação à proposta educacional de Makiguchi, apenas Ribeiro (2006) concluiu trabalho a este respeito em nosso país.

Em primeiro lugar é necessário compreender que o Budismo não é monolítico. Ao contrário, o Budismo é um amplo campo de práticas religiosas que possuem em comum a ausência de crença em uma divindade demiúrgica ou responsável pelos destinos dos homens. Buda nada mais é do que uma expressão derivada do sânscrito “Buddha” referindo-se a todo ser humano “sábio ou iluminado”: aquele que despertou para a “verdade da vida”.

Dentro do Budismo, a compreensão da “verdade da vida” implica a percepção de que a verdadeira essência de todos os fenômenos encerra-se na Lei universal de “causa e efeito”: cada causa, realizada através do “pensamento, palavra ou ação”, engendra dialeticamente o seu efeito, gerando assim o “Karma” do indivíduo. Diferente, portanto, da concepção ocidental de destino, o “Karma” no Budismo deriva das atitudes empreendidas pelo próprio ser no decorrer da vida. O caráter do “Karma”, se negativo ou positivo, dependeria, assim, do “estado de vida” dentro do qual é empreendida a “causa”. Assim, “Buda” é o mais elevado *estado de vida* e também a finalidade da prática budista, ou seja: permitir ao indivíduo alcançar o “estado de Buda”, um estado mental de serenidade, sabedoria, compaixão e felicidade absolutas, capaz de permitir ao indivíduo a alteração do seu próprio “Karma”.

O Budismo nasceu na Índia, por volta do século IV a.C., através das pregações de Sidartha Gautama, conhecido como o “Buda Sakyamuni” (“o sábio dos Sakya”, em referência ao clã do qual se originava). Entretanto, os ensinamentos do primeiro Buda foram transmitidos mediante a tradição oral e só foram transformados em texto ao longo dos quatro séculos subsequentes à sua morte. Os Sutras (escrituras) creditados a Sakyamuni compõem o cânon budista construído mediante um longo processo de reelaboração mnemônica. Não por acaso todos os Sutras iniciam-se com a expressão: “Assim eu ouvi...”.

Na própria Índia o Budismo se dividiu em duas correntes: Hinayana ou Theravada (que objetiva a iluminação do devoto) e Mahayana (que objetiva, ao mesmo tempo, a iluminação do devoto e de todos os seres vivos, através da prática de “bodhisattva”)<sup>3</sup>. A primeira corrente difundiu-se pelo sul através do Sri Lanka, Myanmar (ex-Birmânia), Tailândia, Laos e Camboja, enquanto a segunda seguiu para o norte através da China, Tibet, Coreia, Vietnã e Japão (no século V), originando um “sem número” de escolas, seitas e sub-seitas nascidas do contato entre diferentes registros culturais.

Por outro lado, o “Budismo Nichiren” originou-se no Japão do século XIII em meio a um turbulento processo de reorganização política e social<sup>4</sup>. Além das incertezas provocadas pela reorganização política, é preciso considerar, de acordo com Pereira (2002), as recor-

---

<sup>3</sup> “Bodhisattva” é também um estado de vida, caracterizado pela compaixão a outrem e pelo empenho em ajudar outras pessoas a atingirem o estado de Buda. Os estados de vida são: inferno, fome, animalidade, ira, tranqüilidade, alegria, erudição, absorção, bodhisattva e Buda. Perceba-se que são “estados” e não “estágios” sucessivos de vida, coexistindo em um mesmo indivíduo em um mesmo momento da vida, de acordo com o princípio da “possessão mútua dos dez estados”. Ao alcançar o “estado de Buda”, o indivíduo consegue reconhecer os demais estados (ou emoções) e não pautar suas ações em conformidade com um estado baixo de vida, gerando, assim, um bom “karma”.

<sup>4</sup> Referimo-nos ao período Kamakura, instituído em 1185 com a ascensão de Minamoto-no-Yoritomo ao posto de Xogun. Sua ascensão deu início à estrutura feudal que iria se manter no Japão até o século XIX com a Restauração Meiji de 1868.

rentes disputas entre os grandes mosteiros budistas (forças econômicas e militares da época); um violento terremoto na região de Kamakura em 1257; fome e peste em 1259 e, finalmente, a ameaça de invasão estrangeira do poderoso exército mongol liderado por Kubilai Khan (1260-1294).

Todos estes elementos constituíram o pano de fundo para a crença generalizada de que o período em questão correspondia à “Era de mappô”: os “Últimos dias da Lei”. Trata-se, sem dúvida, de uma escatologia. Contudo, ela é diferenciada da escatologia judaico-cristã que prevê o “fim dos tempos” e o “juízo final”. Dentro da tradição budista, o próprio Sakyamuni previra o declínio dos seus ensinamentos, correspondendo, após a sua morte, a três períodos descendentes: Primeiros dias da Lei: shôbô (saddharma); Médios dias da Lei: zôhô (pratirûpadharma) e Últimos dias da Lei: mappô (paschimadharmas). Portanto, conforme observa Yamashiro :

(...) A inquietação social e os conflitos armados, a decadência da aristocracia metropolitana, a ascensão dos samurais ao poder e a freqüente ocorrência de calamidades naturais fazem o homem pensar na mutabilidade e na incerteza da vida. Nessa conjuntura de inquietação e insegurança generalizada, muitos buscam conforto e apoio espiritual na religião. (YAMASHIRO: 1986, pp. 97-98).

Compreendendo o período como o de declínio dos ensinamentos do Buda histórico, várias foram as respostas religiosas que se propuseram a reformar o Budismo japonês. Dentre estas se encontra a reinterpretação do Budismo proposta pelo monge Zinitti-marô, mais tarde conhecido como o Buda “Nichiren Daishonin”.

Para Daishonin, os verdadeiros ensinamentos de Sakyamuni seriam encontrados apenas no “Sutra de Lótus”, posto ser este o único Sutra que permitiria *a toda a humanidade atingir a iluminação, portanto, o “estado de Buda”*. Vale ressaltar, dentro do Sutra de Lótus, o 12.º capítulo (*Daibadatta*, ou “Devadatta”), o qual garante que tanto as *mulheres* como os homens maus são capazes de atingir o estado de Buda (IKEDA: 2001, p.8-9).

Além de “socializar” o Budismo, estendendo a todos os indivíduos a perspectiva da iluminação, Nichiren Daishonin também reduziu a intrincada ritualística budista a uma única fórmula: a recitação do mantra “*Nam-myoho-rengue-kyo*”<sup>5</sup> ao *Gohonzon*, um mandala em forma de títulos inscrita pelo próprio Nichiren em 1279.

Contudo, dentro do Budismo Nichiren o exercício correto da doutrina exige a ação como “*Bodhisattva*” (ver nota 3), na medida em que todos estão obrigados, mediante um compromisso mítico assumido com o Buda Nichiren, de “propagar o verdadeiro ensino”,

---

<sup>5</sup> *Nam-myoho-rengue-kyo* corresponde à tradução chinesa de “Sutra de Lótus” (em sânscrito: Shaddharma Pundarika-sutra), feita pelo monge Kumarijiva em 406. Aproximadamente: “Devoção seja feita ao Sutra da Verdade Perfeita”. No entanto, se considerados em separado, os caracteres que compõem o título do Sutra oferecem várias interpretações, tais como: Nam (Nam + Mu) = devotar; devotar a própria vida; relacionar-se com a verdade eterna da vida; Myo = místico; Ho = lei; a natureza básica da origem e desenvolvimento da vida; Myoho = Lei mística; som maravilhoso; Ren = lótus; Rengue = causa e efeito; kyo = sutra; transformação do destino; função da vida; a voz do Buda.

levando-o para muito além das fronteiras do Japão. Assim, o exercício correto deste Budismo encerra-se no tripé composto pela “*fé, o estudo e a prática*”, o que torna a *educação formal* um pressuposto doutrinário, uma vez que é a *educação* que garante a evangelização e a própria convicção do devoto:

O estudo significa procurar compreender a filosofia budista, especialmente o ensino que revela a força e a natureza do Gohonzon. Além disso, significa compreender, por meio da razão, os pontos divergentes e concordantes entre esse ensino e outros sistemas de pensamento e filosofias. Uma vez que as pessoas são seres racionais, elas conseguem aprofundar e fortalecer sua crença com uma compreensão clara da filosofia budista. Para ensinar e explicar o budismo para outras pessoas, é preciso compreender os princípios budistas. (SANTOS: 2004, p. 168).

Da mesma maneira que o Budismo não é monolítico, também não o foi a escola budista fundada por Nichiren Daishonin. Ao falecimento de Nichiren já se seguiram cismas no interior do movimento, dando origem, posteriormente, a várias sub-seitas. Contudo, ao longo do século XVI estas vertentes caminharam para uma unificação, à exceção de uma, sediada no Templo Taisekiji (que permaneceu independente e minoritária). Justamente para demarcar uma posição diferenciada dos demais ramos do Budismo Nichiren, em 1912 o clero do Templo Taisekiji (*Nichiren-shû Fujiha*) passou a denominar-se “Nichiren Shôshû”, literalmente: “Seita Ortodoxa do Budismo Nichiren”.

Foi a este grupo minoritário que em 1928, se ligaram Tsunesaburô Makiguchi (1871-1944) e seu discípulo Jôsei Toda (1900- 1958) – ambos professores primários, ao converterem-se ao Budismo Nichiren. Inicia-se, assim, com estes dois homens, a história da “Soka Gakkai” (Sociedade de Criação de Valores), a organização que se tornou, a partir de 1975, o maior movimento budista leigo do mundo (Cf. USARSKI: 2004, p. 316).

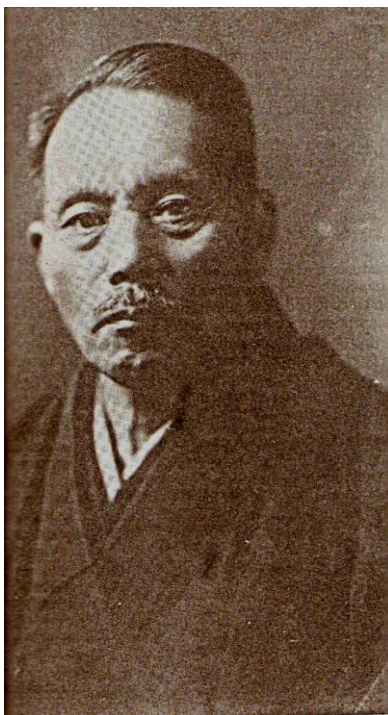
Chamada inicialmente de Sôka Kyôiku Gakkai (Sociedade Educacional de Criação de Valores), esta organização foi, em princípio, um grupo de estudos composto por professores primários convertidos ao Budismo de Nichiren Daishonin. Ao final da Segunda Guerra Mundial, porém, a organização foi renomeada de “Soka Gakkai” quando, sob a liderança de Jôsei Toda, seus dirigentes enfatizaram o aspecto religioso da organização e se lançaram a uma fantástica campanha de proselitismo doutrinário denominado “Grande Marcha de Conversão” (*Shakubuku no daikôshin*). Deste momento em diante, a Soka Gakkai conheceu um impressionante crescimento interno impulsionando a ruptura com as fronteiras do Japão a partir de 1960. Hoje, já emancipada da *Nichiren Shôshû*, ela se espalhou pelo planeta, reivindicando o montante de 18 milhões de membros em 200 países do globo, através da ONG “Soka Gakkai Internacional” (SGI) criada em 1975. Foi através da SGI que a Soka Gakkai modernizou sua agenda social, ampliando as perspectivas dialógicas do Budismo Nichiren com base no trinômio “*Paz, Cultura e Educação*”.

No Brasil, através da iniciativa de seu terceiro presidente, Daisaku Ikeda, a organização fincou bases em 1960, no bojo de seu processo de internacionalização. Também aqui

a organização conheceu um crescimento impressionante: o distrito formado inicialmente por cem famílias de imigrantes japoneses transformou-se, em 46 anos, no maior ramo budista do país, respondendo na atualidade por 65% dos budistas brasileiros, espalhados por todos os Estados da federação<sup>6</sup>.

## 2. Tsunesaburô Makiguchi: a vida e a obra de um educador

O contexto histórico em que Tsunesaburô Makiguchi viveu (1871-1944) está marcado, de um lado, pela modernização autoritária e pelo militarismo japonês e de outro, pela entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial. O primeiro momento foi inaugurado com a presença agressiva da marinha americana que, em 1853, forçou o Japão a se abrir ao ocidente e apressou o fim do regime feudal levado a cabo com a Restauração Meiji em 1868 (ver nota 4).



Fonte: Makiguti: 2002, p. 34.

Estrategicamente, o novo governo, agora concentrado em torno da figura do Imperador e não mais do Xogum, estabeleceu como meta alcançar o *Fokuku Kyohei*, “um país rico com um exército forte”. O processo inicia-se em 1871 com a “Missão Iwacura”, que possuía a tarefa específica de sondar no ocidente o que seria útil à construção do novo Japão.

---

<sup>6</sup> Em Minas Gerais, os membros da BSGI estão organizados em três “Regiões Metropolitanas” (RM), dentre estas a “RM” do Triângulo sediada em Uberlândia. A organização de Uberlândia conta na atualidade com aproximadamente 600 famílias e 1500 membros, distribuídos em sete municípios da região e dois de Goiás (Catalão e Itumbiara). Já a cidade de Patos de Minas faz parte da “Comunidade Alto Paranaíba”, ligada à RM de Belo Horizonte. A outra “RM” mineira é a do “Vale do Aço”.

Após uma verdadeira volta ao mundo, os integrantes da Missão ofereceram ao governo Meiji uma série de “produtos” ocidentais que a partir de 1889 foram adotados no país: a educação técnica norte-americana, a doutrina militar francesa, a tecnologia siderúrgica da Suécia, a medicina e a legislação constitucional da Prússia de Bismarck<sup>7</sup>. Mais de 500 técnicos e especialistas do mundo foram convidados para implementar as reformas, chegando a 3000 em 1890.

O desmonte de cima para baixo do secular regime feudal, teve como consequência mais imediata uma enorme concentração de riquezas em torno de uma elite industrial, os “Zaibatsu” e, por extensão, o desemprego e péssimas condições de vida para uma população que conheceu, recentemente, uma grande explosão demográfica.

Foi neste contexto que Tsunesaburô Makiguchi cresceu. Nascido “Chohichi Watanabe” em 6 de junho de 1871, na Vila de Arahama (Província de Niigata, noroeste do Japão), ele conheceu tanto a pobreza quanto o abandono: antes dos três anos de idade foi abandonado pelo pai e depois pela mãe, que tentou suicídio atirando-se no mar do Japão com Makiguchi nos braços (PEREIRA: 2001, p. 150). Terminou sendo criado por um tio, de quem finalmente adotou o sobrenome Makiguchi.

A situação praticamente perene de pobreza impediu que Makiguchi tivesse uma formação educacional regular. Forçado a escolher entre a sobrevivência e a instrução, aos quinze anos ele se empregou em uma delegacia de polícia em Otaru. No entanto, estudou sozinho para um teste do governo que o qualificaria a ingressar na Faculdade. Os caminhos, porém, foram um pouco diferentes: a inteligência e o trabalho de Makiguchi na delegacia de polícia chamaram a atenção de seu superior e este, ao ser transferido para Sapporo, levou Makiguchi consigo em 1889. Dois anos mais tarde, Tsunesaburô Makiguchi ingressou na Escola Normal de Sapporo como aluno do terceiro ano e graduou-se como professor primário, também dois anos depois. Logo após a formatura, em 1893, foi contratado para o cargo de professor-inspetor da Escola primária vinculada à Escola Normal. Começa aqui a história do educador, tão repleta de dificuldades e desafios quanto a da criança e do homem<sup>8</sup>.

O início da carreira de Makiguchi como educador coincide com o debate aberto acerca do futuro do Japão e, dentro dele, o papel social e a finalidade da educação. De um lado do debate colocavam-se os tradicionalistas e os confucionistas que defendiam o “*Foku-ku Kyohei*” e a lealdade e obediência como principais virtudes a serem inculcadas nos educandos. Fazendo eco com esta posição encontrava-se o sistema de ensino que Makiguchi conheceu como aluno e também como professor da Escola Normal. Do outro lado da mesa, estavam os educadores liberais, dentre eles Makiguchi, que defendiam a escola como um espaço para a formação de *cidadãos* de “mente livre” (BULLOUGH, Jr: 2002, p. 16).

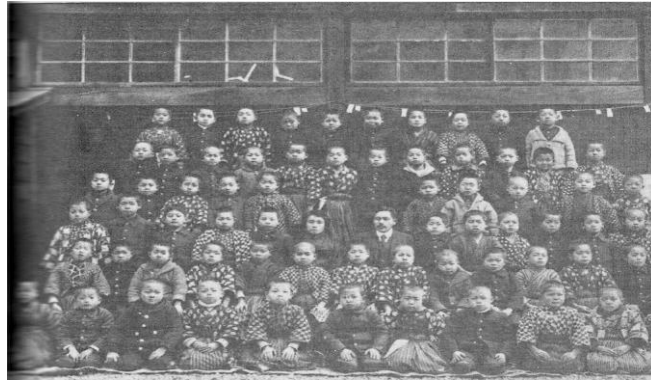
---

<sup>7</sup> A Carta Imperial de 11 de fevereiro de 1889 é uma interessante “bricolage” de medidas e instituições liberais alemãs com o sistema monárquico autoritário do Japão, o “*Tenno-sei*”.

<sup>8</sup> Makiguchi casou-se com Kuma em 1894. Dos oito filhos desta união, quatro morreram entre 1924 e 1932. Além disso, a família numerosa exigia gastos, o que provocou sérias dificuldades financeiras.

A vitória no debate pendeu para os tradicionalistas. O país caminhou para o nacionalismo e a militarização, e o novo sistema educacional, de base tecnicista, foi desenhado para formar súditos submissos e mão-de-obra para a indústria nascente.

O primeiro golpe conservador na vida profissional de Makiguchi ocorreu em 1901: acusado de uma falha disciplinar foi forçado a renunciar ao cargo de professor-inspetor na Escola Normal de Sapporo.



Makiguchi e alunos da Escola Primária Shirogane. Fonte: Makiguti (2002, p. 31).

Após a renúncia forçada, Makiguchi mudou-se para Tóquio. Levava na bagagem uma tese sobre Geografia na qual advogava o estudo da disciplina através de atividades práticas, tais como viagens para o aprendizado. Num momento em que os geógrafos de seu país preocupavam-se basicamente com o aspecto físico da ciência geográfica, Makiguchi saía em defesa de uma Geografia que considerasse o homem em sua relação com a natureza. A proposta foi transformada em livro: *Jinsei Chirigaku* (Geografia da Vida Humana). A despeito dos rumos que tomavam a educação, o livro foi bem aceito. Publicado em 1903, até 1911 teve onze tiragens, o que lhe permitiu, até 1913, viver dos direitos autorais. O sucesso do primeiro livro e do debate suscitado pela obra animou-o a seguir a carreira de geógrafo. No entanto, a pretensão caiu no vazio, pois Makiguchi “não possuía credenciais acadêmicas desejáveis”, ou seja: não possuía curso universitário. Mesmo assim participou ativamente dos debates de seu tempo, além de ocupar cargos públicos inclusive no Ministério da Educação.

Em 1913 Tsunesaburô Makiguchi retornou para as atividades de ensino, assumindo a direção da Escola Primária Tossei. Ao longo dos vinte anos subseqüentes foi sucessivamente transferido de uma escola primária a outra, trabalhando ora como professor ora como diretor. Todo este percurso foi reflexo das críticas públicas de Makiguchi aos professores e à burocracia educacional liderada pelo Ministério da Educação, o que lhe rendeu inimigos em vários círculos de poder. O golpe final veio em 1928, quando foi indicado para ocupar o posto de diretor de uma escola prevista para ser fechada em um ano. Este “aviso prévio” com um ano de antecedência implicou, posteriormente, o impedimento de qualquer participação no sistema formal de ensino do Japão. (PEREIRA: 2001, p. 152). Contudo, ao

longo dos vinte anos em que atuou como profissional e também como crítico da educação, Makiguchi adquiriu o hábito de anotar suas experiências e propostas de mudança no sistema de ensino. Estas anotações constituiriam em 1930, a base do livro *Sôka Kyôikugaku Taikei*.

1928 foi um ano paradigmático para Tsunesaburô Makiguchi. Neste ano ele se converteu ao Budismo Nichiren da seita ortodoxa *Nichiren Shôshû*. Para os biógrafos, a conversão de Makiguchi representou o ápice de uma série de problemas profissionais e pessoais, de maneira que as propostas contidas no livro *Sôka Kyôikugaku Taikei* (construídas nos vinte anos anteriores), estariam separadas da sua experiência e do seu estudo da doutrina budista, constituídas a partir de 1928. Mais ainda: a esfera religiosa representada pelo Budismo seria, na vida de Makiguchi, o sintoma de seu desencanto com a educação japonesa e a esfera na qual continuava a perseguir seu programa de reformas (BULLOUGH, Jr: 2002, p. 17).

De fato, todas estas questões procedem. Porém entendemos que o estudo da doutrina budista de Nichiren Daishonin (ver p. 4) funcionou como um “cadinho” para as propostas de reforma educacional defendidas por Makiguchi em *Sôka Kyôikugaku Taikei*.

Não por acaso, a publicação do livro em 18 de novembro de 1930<sup>9</sup> coincide com a fundação da Soka Gakkai, denominada originalmente de Sôka Kyôiku Gakkai (Sociedade Educacional para a Criação de Valores), na verdade um grupo de estudos pedagógicos:

Seu formato inicial era o de um grupo informal de estudo voltado principalmente para professores da escola primária, visando reformar o sistema de ensino japonês, com a proposta de transformar a “criação de valores” no objetivo principal da educação. Em suas reuniões, que passaram a ser mais regulares no começo dos anos 40, os membros relatavam suas experiências pessoais e programas de pesquisa no campo pedagógico (PEREIRA: 2001, p. 155).

De acordo com Kisala (apud PEREIRA: 2001, p. 155), as atividades do grupo só começariam em 1936 com a seguinte denominação: “Grupo de Estudo da Verdadeira Lei para a Revolução Educacional e Religiosa” (*Kyôiku Shûkyô Kakumei Shôhō Kenkyûkai*). Atesta ainda a inter-relação entre o Budismo Nichiren e as reformas educacionais propostas por Makiguchi, num folheto, publicado em 1937, intitulado “Experimentos práticos do método de educação para a criação de valores através da ciência da religião superior” (*Sôka Kyôikuhô no Kagaku-teki Chôshukyô-teki Jikken Shômei*).

Evidentemente não cabe neste artigo uma retomada de todas as propostas de reforma pedagógica sugeridas por Makiguchi. Por este motivo, destacaremos o que consideramos a “espinha dorsal” de seu pensamento. No entanto, é importante lembrar a atualidade das reflexões expostas em *Sôka Kyôikugaku Taikei* que, a despeito da época e do contex-

---

<sup>9</sup> Pereira (2001) oferece a data de 30 de novembro para a publicação do livro e a fundação da Soka Gakkai. A organização, no entanto, defende como marco a data de 18 de novembro de 1930.



to nos quais foram formuladas, fornecem elementos para refletirmos acerca do que é e o que “deve ser” a educação. Conforme Bethel (2002):

Sua análise da educação nas sociedades industriais releva as discordâncias aparentemente irreconciliáveis quanto a questões tais como o ensino de habilidades básicas e o ensino individualizado, e vai ao âmago da questão maior e fundamental da natureza da aprendizagem humana propriamente dita (BETHEL: 2002, p. 21).

A primeira preocupação de Makiguchi diz respeito ao “objetivo” da educação. Contudo, antes de ponderar especificamente sobre a *finalidade* da educação, Tsunesaburô Makiguchi advoga a respeito da *origem* do objetivo da educação. A preocupação é pertinente, tanto no contexto do Japão, já mencionado anteriormente, quanto no Brasil atual. Para Makiguchi é um equívoco deixar a cargo de “acadêmicos e filósofos” a formulação dos objetivos e das metas educacionais. Melhor conhece e melhor autorizado a este respeito está o *professor*, o profissional que atua diretamente na educação e que, portanto, possui a experiência *in loco* necessária para argumentar o que procede e o que não procede no interior do cotidiano escolar. Nesse sentido, Makiguchi defende:

O redirecionamento dos estudos pedagógicos, no sentido de que passem a ter relação com as situações reais de ensino. O processo de teorização deve se basear nisso. Em vez de permitir aos acadêmicos “lá de cima” pronunciamentos sobre o que acontece “embaixo”, nas escolas, perturbando a estratosfera com esta ou aquela teoria, para depois modificá-la de acordo com as tendências do momento, os profissionais que atuam na educação, embasados em suas experiências diárias, devem abstrair indutivamente princípios e reaplicá-los em suas práticas na forma de melhorias concretas. (BETHEL: 2002, p. 22).

Uma vez definindo que os objetivos da educação devem ser formulados pelos próprios professores, Makiguchi se volta à pergunta fundamental, que é, na verdade, a pedra angular de toda a sua proposta de reforma pedagógica: *qual é a finalidade da Educação?* Certamente a resposta oferecida pelo educador japonês estranhará o leitor ocidental, posto que Tsunesaburô Makiguchi defende a *Felicidade* como finalidade da Educação.

Para compreendermos a perspectiva de Makiguchi é preciso articular sua noção de “Felicidade” à sua orientação religiosa, ou seja, o Budismo, em especial o Budismo de Nichiren Daishonin. Felicidade, aqui, não é de maneira nenhuma a satisfação imediata e ego-cêntrica dos desejos pessoais. Nesse sentido, não cabe à Educação ser meramente um instrumento que capacite os indivíduos a acumularem riqueza ou “vencerem na vida”. Para Makiguchi “Felicidade” é

(...) o desenvolvimento, em cada pessoa, da consciência social, que possibilita a compreensão e a avaliação do grau em que o ser humano tem um dever para com a sociedade, “não só para suas necessidades básicas e segurança, mas para *tudo* o que constitui felicidade.” (BETHEL: 2002, p. 23).

Por este motivo, a “Felicidade” como finalidade da Educação coloca em relevo o próprio ato de *educar*, transcendendo, como afirmou Bethel (2002), as questões relativas ao conteúdo ministrado e centrando o olhar sobre o *papel da Educação* na vida social dos indivíduos. Trata-se, sem dúvida, de redimensionar o significado *ideológico* da Educação. Assim, ao entender que a “Felicidade” é o objetivo último da Educação, Makiguchi a compreende (a Educação), como um instrumento formador do *caráter* dos indivíduos, capacitando-os a se perceberem de acordo com o conceito budista de “*esho funi*”: a unicidade entre indivíduo e meio ambiente, seja este o meio social ou a própria natureza. A “Felicidade” e o “Caráter” terminam por corresponder à própria finalidade da prática do Budismo Nichiren: alcançar o “estado de buda” ao mesmo tempo em que se age como um “bodhisattva”. Se a *Felicidade* corresponde a um senso de responsabilidade do indivíduo consigo mesmo, o *caráter* envolve a responsabilidade com o “outro”, no caso, a sociedade na qual o indivíduo está inserido:

O homem não pode se fechar às preocupações da comunidade. Nem mesmo a riqueza pode comprar um isolamento total, exceto a preço desumano. Uma bela mansão, protegida por muros altos e guardas de segurança, possibilitaria ao seu morador uma vida despreocupada por algum tempo, porém, um dia ele perceberia sua maldade e pobreza de espírito. Como então se pode encontrar a felicidade? A verdadeira felicidade só é alcançada compartilhando-se as tentativas e sucessos dos outros membros da comunidade. É fundamental, portanto, que qualquer conceito genuíno de felicidade contenha a promessa de comprometimento total com a vida da sociedade. (MAKIGUTI: 2002, p. 42).

Por outro lado é importante perceber que a recusa do individualismo proposta por Makiguchi (e que vai ao encontro da orientação Mahayana do Budismo Nichiren), não nega a riqueza material ou o prazer pessoal. Como afirmamos, a questão é “ética”: a riqueza e o prazer pessoal só fazem sentido na medida em que são dosados pelo senso de responsabilidade social:

Se algo é bom ou mal depende da sociedade específica; e o que é proveito ou prejuízo depende do indivíduo. Portanto, argumenta Makiguchi, uma ação de um indivíduo que traga proveito para ele, pode muito bem ser um mal para a sociedade da qual ele é membro (MURATA: 1971, p. 78).

Do outro lado do processo educativo, obviamente encontra-se o “formador”, ou seja, o *professor*, aquele a quem Makiguchi incumbe de estabelecer as metas e objetivos no cotidiano escolar. Todas as reflexões propostas pelo autor a respeito da finalidade da Educação, obviamente conduzem a uma outra, qual seja: a relação professor-aluno em uma proposta pedagógica que transcenda o mero repasse de conteúdos e se preocupe com a formação do caráter dos educandos. Observando os profissionais de seu tempo, Makiguchi afirma:

Fundamentado em mais de 30 anos de experiência na área da educação, afirmo que não conheço outro grupo de pessoas mais preocupado com sua autopreservação e menos

preocupado em ser útil aos outros do que os professores. Raramente um professor desvia a atenção de sua tarefa imediata para pensar na vida da nação ou da sociedade. Sinto-me infeliz e envergonhado quando observo que poucos na comunidade educacional se preocupariam em procurar meios de melhor servir o interesse público, enquanto que ninguém perde a oportunidade de melhorar o que é de seu interesse. A experiência demonstrou-me a triste verdade repetida por Sakyamuni por mais de 40 anos: “As pessoas de qualquer crença que procuram sua própria salvação sem tentar salvar os outros nunca atingirão o Estado de Buda” (MAKIGUTI: 2002, p. 125).

A conclusão é óbvia: além de uma formação acadêmica profunda e o perfeito domínio metodológico, Makiguchi compreende que o professor também deve, acima de tudo, possuir “caráter”. Compreende-se, assim, sua defesa do aperfeiçoamento *moral* do professor uma vez que ele é, em uma sala de aula, o modelo de caráter pessoal com o qual seus alunos tomam contato.

Assim, reiteramos que a preocupação de Makiguchi com a Educação é acima de tudo uma preocupação *ética*, dentro da qual ele insere a própria ética do Budismo Nichiren. Nesse sentido cabe à Educação, antes de mais, ser formadora de “valores”, no caso valores genuinamente “humanos”. Entende-se, a partir disso, o sentido conferido ao título da obra capital de Tsunesaburô Makiguchi: *Sôka Kyôikugaku Taikei* corresponde (em uma tradução aproximada) à “Sistema Pedagógico para a Criação de Valores”<sup>10</sup>.

Durante o período em que Makiguchi viveu, sua proposta educacional não foi colocada em prática. Logicamente a proposta se chocava, conforme visto anteriormente, com a orientação política empreendida pelo governo Meiji: em pouco tempo o Japão se industrializou e se lançou a um projeto militar expansionista tendo em vista constituir o “Império do Sol Nascente”, a grande potência militar e econômica da Ásia. Para a proteção mística do projeto, o governo militar do Japão decretou o Xintoísmo como religião oficial do Estado e determinou a consagração do amuleto solar da deusa *Amaterasu Ômikami*, em todos os templos, inclusive os budistas. Diante da recusa pública de Makiguchi em submeter-se à religião do Estado e de suas críticas ao clero da *Nichiren Shôshû*, que consagrou o amuleto no templo de Taisekiji, Tsunesaburô Makiguchi foi detido em 1944 na prisão de Sugamo, em Tóquio. Ele faleceu aos 73 anos, vítima de desnutrição e maus tratos, em 18 de novembro de 1944. A data é significativa: justamente a data em que fundou a Sôka Kyôiku Gakkai e lançou o livro *Sôka Kyôikugaku Taikei*, que relacionaria pelo resto do século XX, e pelo menos no início do XXI, o Budismo Nichiren da Soka Gakkai à criação de valores humanos.

### 3. O Sistema de Ensino Soka

Coube a Daisaku Ikeda, o terceiro presidente da Soka Gakkai, a liderança no processo de implementação da proposta pedagógica defendida por Tsunesaburô Makiguchi, através da “Educação Soka”. Atualmente o sistema de ensino “Soka” abarca da educação infantil

---

<sup>10</sup> Publicada no Brasil como *Educação para uma vida criativa*, pela Editora Record.

à universidade e está presente no Japão e em outros países do mundo, conforme mostra o quadro abaixo:

1968	Escola Soka de Ensino Fundamental II, Tóquio
1971	Universidade Soka, Hatioji (Tóquio)
1973	Escola Soka de Ensino Fundamental II, Kansai
1975	Centro de Aperfeiçoamento Lingüístico da Universidade Soka em Paris
1976	Jardim de Infância Soka, Sapporo
1978	Escola Soka de Ensino Fundamental I, Tóquio
1982	Escola Soka de Ensino Fundamental I, Kansai
1985	Faculdade Feminina Soka (Campus da Universidade Soka, em Hatioji)
1991	Universidade Soka da América (Calabasas, Califórnia)
1992	Jardim de Infância Soka de Hong Kong, China
1993	Jardim de Infância Soka, de Cingapura
1994	Jardim de Infância Soka, Malásia
2000	Escola Soka do Brasil (São Paulo, SP)
2001	Universidade Soka da América, Aliso Viejo, Condado de Orange, Estados Unidos

Fonte: SGI: 2007

De acordo com a própria SGI – Soka Gakkai Internacional, as escolas que compõem o sistema de ensino Soka,

Não são escolas religiosas, mas o que é ensinado segue o modelo da “educação humanista”, ou seja, enfatiza a importância da dignidade e do valor do indivíduo e acredita na capacidade do mesmo para atingir sua auto-realização. Isto se traduz em um amplo sistema educativo preocupado em cultivar o caráter, a sabedoria, e a criatividade nos estudantes em meio a um espírito de igualdade e aprendizagem mútuos com os professores. Tal aproximação combate a tendência comum entre os educadores de enfatizar demais a aquisição de conhecimentos em detrimento da formação moral e ética. (SGI: 2007, pp. 16-17, *sic*)

Em se tratando da educação universitária, ainda que existam duas universidades Soka nos Estados Unidos e a previsão de inauguração da Universidade Soka do Brasil em 2010, o centro nevrálgico permanece sendo a Universidade Soka do Japão. Através desta são promovidos intercâmbios culturais e acadêmicos com diversas universidades do mundo, incluindo a USP, a UFRJ e a UFPR no Brasil. Com relação à pesquisa, a Universidade Soka do Japão conta com:

(...) cinco institutos de pesquisa, incluindo o Instituto de Estudos para a Paz e o Instituto para o Estudo Comparativo das Culturas. Também está associada ao Centro de Pesquisas da Bacia do Pacífico, um programa de pesquisa conjunta conduzido pela Univer-

sidade Soka da América e pela Universidade de Harvard. Este programa concede bolsas de pós-doutorado a pesquisadores que estudam política pública na costa do Pacífico. (SGI: 2007, p. 17).

A Escola Soka do Brasil foi fundada em 2001, no Bairro da Liberdade em São Paulo, bairro tradicional de imigrantes japoneses. De acordo com as diretrizes da escola o aluno é ensinado a “ser forte, ser correto e crescer à vontade”.

Atualmente a escola oferece turmas de educação infantil e ensino fundamental com um diferencial interessante: um máximo de dezoito alunos por sala. Todos os profissionais que atuam na escola foram escolhidos mediante processo seletivo e todos possuem formação universitária, incluindo o curso de Pedagogia para os professores da Educação Básica. Em se tratando especificamente da Educação Infantil, além dos conteúdos de Linguagem, Matemática, Sociedade e Natureza e Movimento, a escola oferece aulas de Artes (música, artes plásticas e cênicas), Informática; Horta; Biblioteca; Brinquedoteca; Play Ground; Inglês e Japonês em salas ambientadas e Natação (em convênio com a Escola de Natação ao lado).

Do ponto de vista da responsabilidade social, a Escola Soka do Brasil oferece à comunidade cursos de Alfabetização de Adultos, Informática, Telecurso, Inglês e Japonês. Com exceção do Telecurso (com 25 vagas), todas as turmas possuem um máximo de vinte alunos. A taxa cobrada, relativa ao material e lanche é de trinta reais, com exceção do curso de Alfabetização para o qual não existe taxa.

As sementes plantadas por Makiguchi através da perspectiva doutrinária do Budismo Nichiren, não alcançaram apenas a educação regular. Nesse sentido, é importante destacar os projetos educacionais empreendidos pela Coordenadoria Educacional da BSGI – Associação Brasil Soka Gakkai Internacional, voltados para a formação continuada de professores da rede pública, projetos de extensão e de educação ambiental, que mobilizam cerca de 3000 voluntários em todo o Brasil e atendem 235 escolas públicas através do Projeto Makiguti em Ação.

Dentro de todos estes projetos vale ressaltar o Projeto de Alfabetização de Jovens Adultos que em uma proposta pioneira de alfabetização em *40 horas*, já tornou possível o acesso à leitura e à escrita a mais de 4000 brasileiros.

#### **4. Considerações Finais**

As propostas de reforma educacional de Tsunesaburô Makiguchi envolveram não apenas o aspecto filosófico tratado neste artigo. Suas reflexões perpassam os aspectos metodológicos, a estrutura escolar, a relação família – comunidade – escola e as próprias políticas educacionais vigentes no Japão à época em que publicou o livro *Sôka Kyôikugaku Taikei*. Por isso mesmo, consideradas em sua integridade, ainda não é possível saber até

“onde” suas propostas foram de *fato* implementadas pelas Escolas Soka. Conforme argumenta Bethel (2002):

Estou convencido de que as propostas de Makiguti relativas à reforma da educação merecem a atenção dos educadores de todo mundo, e que devem ser empreendidos o planejamento e a execução de sua testagem objetiva. Supostamente, as escolas criadas pela Soka Gakkai em Tóquio, Osaka e outras localidades no Japão, do nível básico ao universitário, estão engajadas neste teste, e aplicação. Todavia, não se sabe até que ponto puderam incluir em suas práticas educativas as idéias e propostas de reforma de Makiguti, o que implicaria o abandono radical das políticas e práticas educacionais vigentes, bem como não se tem notícias do quanto as Escolas Soka tiveram que se adequar à realidade do ensino no Japão. Ainda não foram feitos estudos objetivos sobre as Escolas Soka neste aspecto. Do que estou a par, além dessa experiência ligada às Escolas Soka, a limitada implementação das propostas de Makiguti, que me foi possível levar avante no Centro Universtário Internacional de Osaka, no Japão, representa a única tentativa de teste de suas idéias. Tenho muito interesse em conhecer qualquer outra experiência que tenha sido desenvolvida nesse sentido. (BETHEL: 2002, p. 240, *sic*).

Não obstante, consideramos que os poucos estudos relativos ao Sistema de Ensino Soka são na verdade um estímulo aos pesquisadores interessados pelo tema da Educação, inclusive no Brasil. Mesmo existindo no país apenas uma Escola Soka é preciso considerar, ao lado do ensino regular, as atividades educativas da BSGI que se propõem a uma intervenção assertiva na realidade nacional exibindo um êxito indiscutível.

Por outro lado, a proposta de Tsunesaburô Makiguchi a respeito da *finalidade* da Educação e a importância da formação *moral* do professor ao lado de uma formação acadêmica sólida, colocam para todos os educadores uma reflexão fundamentalmente *ética*. Todos nós, educadores comprometidos com uma educação inclusiva e de qualidade, em vários momentos dos debates travados acerca dos rumos da Educação no Brasil, já nos colocamos diante da necessidade de discutir o “sentido” de se “educar” e o papel do professor neste processo. Entendemos que a resposta da questão pressupõe, antes de mais, a compreensão exata do tipo de sociedade que desejamos construir e a percepção de que esta sociedade está sendo partejada *agora*, em nosso presente, e pode ser visualizada no caráter da educação e no perfil do educador que está forjando o cidadão do futuro. Isto não quer dizer, obviamente, que o aluno seja uma “tábula rasa” e que o professor seja o único elemento do processo educativo. É claro que não. No entanto, quatorze anos de magistério superior, especialmente em cursos de Licenciatura, nos instigam a recolocar as questões levantadas por Makiguchi com relação à “*formação do formador*”:

De fato, a opção pelo magistério é um dos maiores, senão o maior dos desafios que um indivíduo se propõe, ao escolher uma carreira no Brasil contemporâneo. Justamente por isso, “ser professor” é um ato de coragem e deve ser seguido, sim, por um forte e inabalável compromisso social. No entanto, fruto mesmo da “cultura do jeitinho” e da herança inglória da “Lei de Gerson” que nos foi legada pela história brasileira, assistimos a proporções alarmantes de profissionais cada vez menos preparados sendo despejados no mercado

de trabalho, (de) formados em um sistema de ensino no qual se operou uma inversão de valores: a última coisa que interessa é a *Educação*.

É preciso compreender que o ato de educar *transcende* o conteúdo ministrado em sala de aula. O professor, antes de ser o indivíduo que repassa conteúdos ou mesmo aquele que “orienta” atividades e estimula o espírito de busca do aluno, é um *formador* de caráter. No caso das Licenciaturas, o professor que está formando outro professor não apenas influencia no caráter deste, como também influencia no caráter daqueles que serão instruídos por seu aluno quando este se tornar, também, um professor.

Convenhamos que a remuneração e as condições de trabalho dos professores, de um modo geral, no Brasil são péssimas. A situação é, de fato, “menos ruim” nas universidades públicas nas quais um regime de 40 horas de trabalho garante ao profissional uma qualidade maior de trabalho, dividida de maneira equânime entre ensino, pesquisa e extensão. No entanto, mesmo aqui, nas universidades públicas, o professor não está eximido de uma auto-análise e da importância que assume como *formador* no caráter de seus alunos, futuros professores.

O professor que faz da sala um palco para reafirmar a sua “inteligência superior” face à pretensa ignorância do “outro” (seja este o aluno ou o colega de trabalho); que é aclamado como “bom professor” por ter um diário pintado de vermelho de alto a baixo ou, no extremo, que aprova sem ver a quem ou quem; o professor que fecha olhos e ouvidos à indústria de trabalhos de conclusão de curso; que altera a nota de um aluno “para evitar problemas futuros” e faz eco com a frase “o mercado se encarrega”, efetivamente *não está agindo como um professor*. Está agindo como *mais um corrupto* em meio ao mar de corruptos que desgraçadamente posturas cotidianas corruptas têm ajudado a “formar” neste país.

## Referências

ALVAREZ, Silvester. *The Soka Gakkai Threat*. Worldmission 14, no. 3, Fall 1964: 17- 21.

ASTLEY, Trevor. *A Matter of Principles: A note of the recent conflict between Nichiren Shôshû and Sôkka Gakkai*. Japanese Religions 17/2, 1992: 167-75.

BETHEL, Dayle M. Introdução, in: MAKIGUTI, Tsunessaburo. *Educação para uma vida criativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002, p. 21-33.

BULLOUGH, Jr. Robert V. Prefácio, in: MAKIGUTI, Tsunessaburo. *Educação para uma vida criativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002, p. 15-19.

COWAN, Jim (ed.). *The Buddhism of the Sun*. Richmond, Nichiren Shôshû of the United Kingdom, 1982.

DOBBELAERE, Karel. *La Soka Gakkai. Un movimento di laici diventa una religione*. Torino, Elledici, 1998, 92p.

HOURMANT, Louis. "Transformer le poison en éxilir: l'alchimie du désir dans un culte néo-bouddhique, la Soka Gakkai française", in: CHAMPION, Françoise et HERVIEU-LÉGER, Danièle (ed.). *De l'émotion en religion: Renouveaux et traditions*. Paris: Centurion, 1990, pp. 71-120.

IONESCU, Sanda. "Adapt or Perish: The Story of Soka Gakkai in Germany", in: CLARKE, Peter (ed.). *Japanese New Religions in Global Perspective*. Richmond (UK), Curzon, 2000, 182-97.

MACHACEK, David and WILSON, Bryan (eds.). *Global Citizens: The Soka Gakkai Buddhist Movement in the World*. Oxford, University of Oxford Press, 2000.

PEREIRA, Ronan Alves. *O budismo leigo da Sôka Gakkai no Brasil: da revolução humana à utopia mundial*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MARANHÃO, Alba C. da F. de Albuquerque. "*Nam-Myoho-Rengue-kyo (A Lei que rege todo o universo): um estudo antropológico do movimento budista da Soka Gakkai na cidade de Recife*". Recife, UFPE. Dissertação de mestrado em Antropologia, 1999, 125p.

BSGI. *Fundamentos do Budismo*. São Paulo: Brasil Seikyo, 2004.

MURATA, Kiyooki. *Japan's new buddhism. An objective account of Soka Gakkai*. Foreword by Daisaku Ikeda. New York/Tokyo: John Weatherhill Inc., 1971, 192 p.

NORTON, David L. Posfácio: uma apreciação filosófica. In: MAKIGUTI, Tsunessaburo. *Educação para uma vida criativa*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002, p. 223-235.

KAIBARA, Yukio – *Historia del Japón*. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

IKEDA, Daisaku. *Sutra de Lótus*. Preleção dos capítulos Hoben e Juryo. São Paulo: Brasil Seikyo, 2001.

RIBEIRO, Rita de Cássia. *Vida, experiência, conhecimento: a reforma do sujeito em Tsunessaburo Makiguchi*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: 2006.

SANTOS, Maria de Lourdes (org). *Síntese do Budismo*. São Paulo: Brasil Seikyo, 2003.

SGI. *Soka Gakkai Internacional*. São Paulo, 2007, 26p.

USARSKI, Frank. O dharma verde-amarelo mal-sucedido - um esboço da acanhada situação do Budismo. *Estudos Avançados*:18 (52), 2004, pp. 303-320.

YAMASHIRO, José. *História da cultura japonesa*. São Paulo: Ibrasa, 1986.

[www.sgi.org](http://www.sgi.org)

[www.bsgi.org.br](http://www.bsgi.org.br)

[www.escolasoka.org.br](http://www.escolasoka.org.br)